



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Stelyane de Oliveira Melo

**A IMPRENSA PARAIBANA COMO FONTE PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO DAS MULHERES: JORNAIS A IMPRENSA E LIBERDADE (1920-1930)**

João Pessoa-PB

Maio/2017

A IMPRENSA PARAIBANA COMO FONTE PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES: JORNAIS A IMPRENSA E LIBERDADE (1920-1930)

Stelyane de Oliveira Melo

Monografia apresentada ao Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação CE, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como um dos requisitos para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia da Silva Nunes.

João Pessoa-PB

Maio/2017

M528i Melo, Stelyane de Oliveira.

A imprensa paraibana como fonte para o estudo da história da educação das mulheres: jornais A Imprensa e Liberdade (1920-1930) / Stelyane de Oliveira Melo. – João Pessoa: UFPB, 2017.

55f. : il.

Orientadora: Maria Lúcia da Silva Nunes

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. História da educação. 2. História das mulheres. 3. Imprensa paraibana. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(091)(043.2)

**A IMPRENSA PARAIBANA COMO FONTE PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES: JORNAIS A IMPRENSA E LIBERDADE
(1920-1930)**

Stelyane de Oliveira Melo

Monografia aprovada em 09/06/2017

BANCA EXAMINADORA

Maria Lúcia da Silva Nunes

Profª Drª Maria Lúcia da Silva Nunes

Nota 10

(Orientadora)

Charlton José dos Santos Machado

Profº Dr Charlton José dos Santos Machado

Nota 10

(Examinador I)

Vívia de Melo Silva

Profª Drª Vívia de Melo Silva

Nota 10

(Examinador II)

Dedico este trabalho à minha avó Maria
Lúcia Ferreira da Silva (*in memoriam*), e ao
meu filho Luís Augusto Lima de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Nada que produzimos é fruto de um esforço individual, nós mesmos somos seres complexos e interagimos com um meio onde a todo momento se produz e reproduz conhecimento. Por isso agradeço de maneira geral a todas as pessoas que se fizeram presentes pelos espaços onde convivi.

De maneira especial, agradeço à minha mãe Luciana Cristina, por todos os esforços que fez para garantir a mim a melhor educação possível, também por todos os exemplos de retidão e honestidade.

Agradeço à minha orientadora Prof^a Lúcia Nunes, pelos anos em que trabalhei com ela em seu projeto de pesquisa PIBIC(Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) e pela paciência que teve nos momentos em que não dei notícias.

Agradeço ao meu esposo Renan Lima, pela compreensão nos períodos em que estive ausente e também pela motivação que sempre me entusiasmou.

Agradeço a todos os professores com os quais tive o prazer de ser aluna, desde a educação infantil até a Universidade Federal da Paraíba.

Agradeço a todos os meus familiares, por sempre acreditarem em mim e de alguma maneira terem ajudado em meu processo educativo, e por ainda fazê-lo.

RESUMO

Esta pesquisa se insere na área de interesse da história das mulheres, sua participação e contribuição para a educação na Paraíba, especificamente refere-se à produção de textos, publicados nos jornais A Imprensa e Liberdade, periódicos da imprensa paraibana, no recorte histórico das décadas de 1920 e 1930. Este recorte temporal foi escolhido devido a acontecimentos históricos e sociais que são considerados até hoje eventos importantes, pois contribuíram sobremaneira para a construção da sociedade que conhecemos hoje. Aponta-se como objetivos identificar e refletir sobre as publicações feitas por/ou voltadas para mulheres, nas décadas de 1920 e 1930, em dois jornais que, inicialmente teriam interesses e aspirações diferenciadas. Destaca-se o modelo educacional no qual essas mulheres estavam inseridas, as barreiras enfrentadas e os avanços no que se refere ao espaço conquistado por elas. Metodologicamente, esta pesquisa se insere no campo de análise documental e bibliográfica, pois foi através de visitas a instituições e acervos públicos que se deu o acesso aos jornais pesquisados, A Imprensa e Liberdade; também foi através de leituras concernentes à pesquisa que se formulou o aporte teórico e metodológico. Durante as visitas aos arquivos foram capturadas imagens que possibilitaram realizar o levantamento de informações relevantes sobre os jornais. Após a análise feita, é possível dizer que durante o período pesquisado havia poucos textos escritos por mulheres e publicados nos jornais selecionados, quando se compara à produção escrita por homens, aspecto que pode ser considerado comum à sociedade nas décadas de 1920 e 1930. O jornal A Imprensa era palco de interesses explicitamente religiosos, assim, os conteúdos e os(as) autores(as) das publicações teriam que se adequar ao ideário católico que estava preocupado em manter um modelo de sociedade e de família. O jornal Liberdade se apresentava como revolucionário, desbravador, em suas publicações se colocava como o jornal do povo e para o povo, no entanto, o que se vê é um periódico tradicional, tanto no que diz respeito ao seu formato, quanto ao conteúdo de suas publicações. Todavia é importante ressaltar a importância dos mesmos como fonte para a pesquisa histórica e, neste caso específico, para constituir elementos que explicitam representações sobre a história das mulheres na Paraíba, no que concerne à educação.

PALAVRAS-CHAVE: História da educação. História das Mulheres. Imprensa paraibana.

ABSTRACT

This research falls within the area of interest in the history of women, your participation and contribution to education in Paraíba, specifically refers to the production of texts, published in the newspaper the press and Freedom of the press, periodicals, Paraíba, in the history of the decades of 1920 clipping and 1930. . This timeframe was chosen due to historical and social events that are considered even today important events, as it contributed greatly to the construction of society as we know it today. Points as goals to identify and analyze made and/or publications aimed at women, during the 1920 and 1930, in two newspapers that initially would have differentiated interests and aspirations. The educational model in which these women were entered, the barriers faced and advances with regard to space conquered by them. Methodologically, this research falls within the field of documentary and bibliographical analysis, since it was through visits to institutions and public collections that gave access to the newspapers surveyed, the press, and Freedom; It was also through readings concerning the research formulated the theoretical and methodological contribution. During visits to the archives were captured images that made it possible to carry out the survey of relevant information about the papers. After analysis, it is possible to say that during the period researched there was very little amount of texts written by women, when comparing the production written by men, which can be considered common to society in the 1920 and 1930. The newspaper the press was host to explicitly religious interests, so the contents and the authors (the) of the publications would have to fit the Catholic ideals that were worried about maintaining a model of society and family. . The self-described revolutionary Freedom newspaper, Pathfinder, in his publications put herself as the newspaper of the people and for the people, however, what you see is a traditional journal, both with regard to your format, as to the content of their publications. However it is important to stress the importance of the same as a source for historical research and, in this specific case, to constitute elements that make explicit representations about the history of women in the State of Paraíba, with regard to education.

Keywords: history of education. History of women. Press of Paraíba.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 – O objeto de estudo e os aportes teóricos e metodológicos..... | 08 |
| 1.1 O objeto de estudo..... | 08 |
| 1.2 Aportes teóricos e metodológicos..... | 10 |
| | |
| CAPÍTULO 2 – O DISCURSO CONDUZIDO PELA RELIGIÃO: a participação feminina no jornal A Imprensa..... | 16 |
| 2.1 Conhecendo a fonte..... | 16 |
| 2.2 Vestígios femininos..... | 17 |
| 2.3 Página “Cultura Feminina”..... | 25 |
| 2.4 O Noelismo..... | 27 |
| | |
| CAPÍTULO 3 – LIBERDADE? : a tímida contribuição feminina para o jornal Liberdade..... | 30 |
| 3.1 Conhecendo o Liberdade..... | 30 |
| 3.2 Os poucos vestígios femininos..... | 32 |
| 3.3 A discussão do sufrágio..... | 38 |
| | |
| IV – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES..... | 42 |
| | |
| V – REFERÊNCIAS..... | 45 |
| | |
| ANEXOS..... | 47 |

CAPÍTULO 1 – O objeto de estudo e os aportes teóricos e metodológicos

1.1 O objeto de estudo

O interesse sobre a temática surgiu através da participação, no período de 2013 a 2015, no Projeto de iniciação científica-PIBIC/CNPq intitulado: “Quando as mulheres escrevem: textos sobre educação na imprensa da Paraíba (décadas de 1920 e 1930¹)”. Nesta oportunidade tivemos acesso às temáticas e problemáticas expostas por mulheres naquele período. Pudemos perceber uma certa cautela tanto no que era escrito por mulheres, quanto no que era escrito por homens direcionado a elas. A educação de mulheres sempre foi um mecanismo bastante eficiente no que se refere ao controle social, especialmente em períodos onde a permissão da fala era dada a poucos grupos.

Falar da história das mulheres é citar inúmeras manifestações para reivindicação de direitos negados as mesmas, estes concedidos apenas ao sexo oposto. Isto porque socialmente e historicamente se construiu a ideia de inferioridade do sexo feminino com relação ao sexo masculino. Podemos perceber em algumas religiões que, muitas vezes, direta ou indiretamente, se referem às mulheres como seres em constante lugar de submissão, um exemplo é o cristianismo, Ora! Se Deus é homem, e símbolo de benevolência, e Eva, mulher, e símbolo do pecado, em quem devemos confiar? Sigmund Freud fala do ciúme e da inveja que a mulher sente, quando criança, com relação ao órgão genital masculino, por ele possuir e ela não. Não é o nosso intuito afirmar que Deus ou Freud são machistas, mas apenas demonstrar que estes são exemplos de teorias que tiveram grande repercussão e que de alguma forma, em tempos históricos distintos, contribuíram para a consolidação do pensamento de inferioridade feminina.

Se desde a antiguidade se nutre este pensamento, não é difícil imaginar que nas décadas que nos propomos pesquisar, ainda havia negações e restrições a

¹ Este projeto teve como coordenadora a professora doutora Maria Lucia da Silva Nunes.

espaços de escrita para a mulher, mesmo que ainda os encontremos, na imprensa paraibana, até mesmo antes deste recorte temporal.

Nas décadas de 1920 e 1930 ocorreram vários eventos sociais e políticos, de grande repercussão, que nos fizeram imaginar a importância da análise dos impressos deste período, como exemplo pode-se citar a revolução de 1930, a conquista do direito ao voto feminino, o Manifesto dos Pioneiros em 1932, a criação da filial paraibana da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1933, entre outros. Acreditamos que todos esses fatos interferiram na organização da sociedade da época e conseqüentemente nos modos de escrever e assim representar esta mesma sociedade.

Temos como objetivos identificar e refletir sobre as publicações feitas por/ou voltadas para mulheres, nas décadas de 1920 e 1930, em dois jornais que, inicialmente teriam interesses e aspirações diferenciadas, A Imprensa e Liberdade. Com esta pesquisa, iremos demonstrar aspectos da sociedade da época através da educação feita e ao mesmo tempo voltada para mulheres, sobre as mais variadas faces, institucionais e privadas. Por isto, os objetivos específicos que possibilitaram o cumprimento de tal interesse foram: identificar em arquivos a presença e disponibilidade de exemplares e números dos jornais selecionados, depois da identificação, a captura fotográfica, catalogação e digitalização dos textos escritos por mulheres e para mulheres paraibanas sobre educação; analisar nos textos identificados como as mulheres se apropriaram da ideia de educação correspondente à época.

Este trabalho se insere no campo da História da educação, componente curricular presente no curso de pedagogia, e, neste, converge para a área de interesse história das mulheres. Podemos dizer que essa discussão também dialoga com a área da sociologia da educação, uma vez que, analisamos um importante meio de comunicação social como fonte educacional, o jornal impresso.

Neste curso de licenciatura já foram publicados vários trabalhos na área de interesse de história das mulheres, tendo como fonte a imprensa. No entanto ao analisarmos esses trabalhos vimos que se tratam, em sua grande maioria, de apresentar o protagonismo feminino na Paraíba, através da história de mulheres,

educadoras e sua contribuição para a educação², e nestes casos a imprensa aparece como uma das fontes, analisada e confrontada com outras. O diferencial do nosso trabalho se dá por analisarmos especificamente e exclusivamente a imprensa como fonte para o estudo da educação de mulheres, e também pelo fato de não trabalharmos de maneira isolada a história de uma única educadora.

1.2 Aportes teóricos e metodológicos

Na maior parte das sociedades as mulheres sempre foram tidas como seres inferiores, com menos importância, talvez pelo fato de a elas serem atribuídas tarefas pouco valorizadas. Por este motivo muitos movimentos em prol dos direitos femininos foram surgindo e se mantendo em desenvolvimento entre os séculos dos tempos modernos. Mary Wollstonecraft foi uma das primeiras mulheres que questionou a posição feminina na sociedade, em seu livro: "Em defesa dos direitos da mulher" (Vindication of the Rights of Woman), publicado no ano de 1792, oportunidade em que defende a desmistificação do "sexo frágil". No Brasil, um dos primeiros nomes relacionados à defesa dos direitos femininos é o de Nísia Floresta. Nascida no Rio Grande do Norte, iniciou suas atividades como escritora em 1831 no jornal Espelho das Brasileiras, de Pernambuco, escreveu o que ela chamou de uma tradução livre da obra de Mary Wollstonecraft, e a intitulou "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" (CAMPOI, 2011). Outro nome ligado ao feminismo no Brasil é o de Bertha Lutz que lutou pela conquista do direito ao voto e candidatura feminina. Nasceu em São Paulo no ano de 1894, foi educada na Europa, lugar onde teve o seu primeiro contato com a campanha sufragista inglesa. Em 1922, participou e representou as brasileiras na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras, realizada nos Estados Unidos.

A luta das mulheres pelos seus direitos perdurou por muito tempo e ainda continua nos dias atuais. Suas conquistas tiveram grande marco na história e nos

² Podemos citar como exemplos os trabalhos intitulados: **DA HISTÓRIA A MEMÓRIA: Argentina Pereira Gomes e suas contribuições à educação paraibana**, de 2009; **OLIVINA OLIVIA CARNEIRO DA CUNHA (1886-1977): histórias e memórias da educação na Paraíba**, de 2009; **MARIA BROZEADO MACHADO (1916- 1986) E SUA PRÁTICA EDUCATIVA: ensino, gestão e escrita**, de 2012.

movimentos realizados entre os séculos XIX e XX, sempre buscando a transformação da condição da mulher na sociedade através, principalmente, da luta pela participação na cena eleitoral. No momento em que as mulheres começam a lutar pelos seus direitos, a expressarem suas ideias publicamente, a exigirem a oportunidade de participar nas decisões sobre os rumos do país, a ocuparem um espaço no mercado de trabalho, a questionarem as relações homem-mulher, surgem reações adversas nos mais variados setores da sociedade. Essa luta não foi fácil nem pacífica, a sociedade e suas diversas instituições estiveram/estão o tempo todo desenvolvendo estratégias que ora retardam a conquista de outros espaços pelas mulheres, ora apontam o caminho de volta à submissão e à invisibilidade.

Embora se saiba que a mulher há muito tempo tem estado presente na luta por melhores condições de vida, sua participação foi geralmente obscurecida ou apagada o que tem dificultado escrever essa história, ou a história de mulheres que, muitas vezes, sozinhas, enfrentaram a sociedade em que viviam, erguendo sua voz, alçando atitudes ou lançando mão da caneta para manifestar a sua insatisfação com a condição subalterna que lhe era imposta. Duarte (2008) faz referência a essa situação no Brasil, como um entrave para que se conhecesse e alcançasse a importância de Nísia Floresta.

No Brasil, em meados do século XIX – e diferentemente do que ocorreu nos estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Alemanha, por exemplo – não há notícia de grupos organizados de mulheres lutando pela igualdade entre os sexos. Apenas algumas mulheres, isoladamente, dentre as quais inclui-se Nísia Floresta, empenharam-se na divulgação de ideias que visavam a modificar a condição feminina. (DUARTE, 2008, p.11).

Nas primeiras décadas do século XX, a exemplo do que vinha acontecendo em outros estados, nos jornais da Paraíba, percebe-se um movimentar-se das mulheres no sentido de adentrar os espaços da imprensa buscando dar visibilidade as suas ideias e à luta por direitos até então destinados apenas aos homens: como educação, voto, ocupação de determinadas profissões etc. Já na década de 1920, tanto no jornal A União quanto em outros periódicos locais em circulação no estado, é possível visualizar uma maior inserção da mulher paraibana na imprensa, ora com a produção de textos dos mais distintos gêneros, como poemas e artigos de opinião,

por exemplo; ora como assunto das discussões empreendidas pelos homens, com temáticas que variavam entre as características que lhe imputavam a condição de ser frágil e dependente do homem ou de como os novos costumes que adentravam a sociedade de então poderiam trazer prejuízos a esse perfil tão desejado e acalentado pelas instituições mantenedoras do *status quo*, como a igreja, a imprensa, a medicina, entre outras; ou ainda estimulando o debate sobre a necessidade de se abrir espaço para que a mulher pudesse, assim como os homens, receber instrução, votar, e trabalhar em setores diversos. Este último caso era mais raro e geralmente criava polêmica.

Como exemplo de texto dessa época, pode-se citar o publicado por Eudésia Vieira nas páginas da Revista Era Nova que acidamente apresenta a figura da sufragista como uma revoltada, que merece compaixão, visto que não tendo conseguido a companhia de um homem, torna-se infeliz e assim nada mais lhe resta a fazer do que se envolver na luta pelo direito ao voto! (NUNES, 2006, p.123).

A partir da década de 1930, no jornal A União, começa a ser mais frequente a publicação de textos versando sobre o feminismo, sobre os interesses femininos, sobre temas relacionados à mulher de um modo geral. Eram textos escritos por homens e mulheres, às vezes identificados e outras não; ora favoráveis a essa nova demanda, mas na maioria das vezes temerosos e polêmicos.

Em 1933, um grupo de mulheres paraibanas resolve se organizar para criar a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF), filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada em 1922 por Bertha Lutz e outras companheiras, procurando dar visibilidade às ações dessas mulheres, em sua maioria professoras. A Associação Paraibana pelo Progresso Feminino foi criada em 11 de março e instalada em 11 de abril de 1933 em João Pessoa, capital paraibana, seguindo a orientação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF - 1922), cujo objetivo maior era a luta pelos direitos da mulher brasileira, especificamente no que diz respeito ao direito de votar, estabelecendo como condição precípua para a emancipação feminina o acesso da mulher à educação.

Assim como a FBPF, a APPF desenvolveu ações a fim de ampliar o acesso da mulher paraibana à educação. A 1ª diretoria, assim como as subseqüentes, era composta por mulheres de destaque na sociedade paraibana pela atuação no

sistema educacional local: presidente: Lylia Guedes, vice-presidente: Olivina Carneiro da Cunha, secretária: Alice de Azevedo Monteiro, oradora: Albertina Correia Lima, tesoureira: Francisca de Ascensão Cunha e, bibliotecária: Analice Caldas. (MACHADO; NUNES; MENDES, 2013).

Desde a criação dessa Associação, as notícias e textos das sócias passaram a ser destaques nas páginas do jornal A União, principalmente após a conquista do espaço denominado Página Feminina. A Página Feminina funcionou com uma frequência regular – a proposta era quinzenal – nos dois primeiros anos, 1933 e 1934. A partir do ano de 1935, percebe-se que a publicação vai saindo num espaço de tempo maior do que 15 dias, mas até 1938 ainda é significativa a publicação de textos. Enquanto esteve ativa, a Página Feminina, conquistada pela Associação no jornal A União, funcionou como veículo de divulgação do pensamento das associadas em relação aos mais diversos assuntos. Não só as componentes da direção escreviam, mas qualquer sócia poderia se manifestar sobre qualquer assunto, ou publicando textos literários. Foram essas mulheres e outras sócias da APPF que deram a tônica na Paraíba de 1930 ao debate sobre os direitos da mulher e que propagaram em seus escritos as ideias feministas em voga no Brasil e em outros países

Sabemos o quão difícil é fazer história, mas sabemos também que é necessário irmos à procura das fontes, em busca dos vestígios do passado. Mesmo após esta busca, e o encontro com as fontes, faz-se necessária uma “desconfiança” inicial, pois devemos entender que tudo aquilo que ali está exposto são representações do que foi permitido transparecer de uma determinada época, por isto corroboramos com o pensamento de Chartier, quando diz que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p.17).

A história das mulheres e da escrita feminina é de suma importância, pois contribui também para uma melhor compreensão da própria história da educação. Educação esta que consideramos não só como a institucionalizada no espaço

escolar, mas, como todas as concepções e ideologias que influenciam uma sociedade, por isto entendemos que:

O volume e a natureza das fontes das mulheres e sobre as mulheres variam conseqüentemente ao longo do tempo. Eles são por si mesmos índices de sua presença e sinal de uma tomada da palavra que se amplia e faz recuar o silêncio, às vezes tão intenso que chegamos a nos perguntar: “Uma história das mulheres é possível?” (PERROT, 2005, p.13, apud NUNES, 2013, p.3).

As palavras de Perrot em relação à escassez de fontes de e sobre o sujeito feminino têm sido uma constatação permanente para quem está nessa seara investigativa.

A imprensa é um importante meio de comunicação pelo fato de ter visibilidade por grande parte da população. A riqueza de informações que um jornal pode nos transmitir vai muito além das que estão contidas nos noticiários publicados, podemos perceber nas entrelinhas aspectos representados da sociedade de uma época, além disso, podemos ver por diferentes óticas os mesmos assuntos ou temáticas, como elas (são) eram abordadas, o teor de relevância que (é) era dada, etc. Por este fato entendemos a imprensa como uma importante fonte para pesquisas na área de história da educação. Toda esta riqueza de informações antes não era considerada fonte histórica, a história tradicional não admitia para pesquisas científicas qualquer fonte que não fosse as provenientes dos arquivos oficiais de governo. A virada historiográfica que culminou na História Cultural, favoreceu o reconhecimento de diversos artefatos como fonte; a imprensa foi uma delas, e vem sendo muito utilizada nas últimas décadas no campo da História da Educação³, por exemplo.

Um dos mais influentes autores na perspectiva da História Cultural é Roger Chartier, ele trabalhou com conceitos de representação, prática e apropriação. Para o autor os artefatos e as fontes históricas são representações de um fato, e não a prova cabal e incontestável de como ele se deu de um modo específico. Além dessa desconfiança inicial com as fontes, que não passariam de representações, o modo como o pesquisador lida com elas também pode ser identificado como apropriação.

³ Na UFPB, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), há alguns professores e alunos que se utilizam da imprensa como fonte para suas pesquisas em história da educação, algumas delas podem ser encontradas neste endereço: http://tede.biblioteca.ufpb.br/?locale=pt_BR.

A maneira como essa relação ocorre vai interferir diretamente em sua prática que por fim será também uma representação de tudo aquilo que compõe o seu pensamento. Desse modo o lugar social e cultural onde a fonte e o pesquisador se situam também irão influenciar sobremaneira aquilo que estará exposto na representação de determinado fato narrado. Segundo Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Esta pesquisa se insere no campo de análise documental e bibliográfica, pois as fontes foram constituídas através de visitas a acervos de arquivos disponíveis e nosso referencial teórico constituído através de bibliografia. Os arquivos que visitamos para tornar possível tal pesquisa foram o Arquivo Eclesiástico da Paraíba e a Fundação Casa de José Américo, ambos localizados na cidade de João Pessoa-PB.

Nesta perspectiva, o trabalho apresentado pretende identificar e analisar publicações voltadas e feitas por mulheres, nas décadas de 1920 e 1930, em dois jornais que, inicialmente teriam interesses e aspirações diferenciadas. Nos capítulos seguintes iremos apresentar os resultados que obtivemos durante esta pesquisa, especificamente no capítulo dois falaremos sobre os resultados referentes ao jornal A Imprensa, e no capítulo três iremos apresentá-los referentes ao jornal Liberdade.

CAPÍTULO 2 – O DISCURSO CONDUZIDO PELA RELIGIÃO: a participação feminina no jornal A Imprensa

2.1 Conhecendo a fonte

O jornal A IMPRENSA foi fundado em 27 de maio de 1897 por Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, que foi o primeiro bispo do Estado da Paraíba, no entanto seu primeiro redator chefe foi o padre José Tomás. A priori, o jornal tinha o objetivo de transmitir a ideologia católica através de pregações, e era editado em formato reduzido. Posteriormente, o cargo de editor chefe foi repassado ao padre Carlos Coelho, que era um religioso com ideias muito avançadas para a época, o que trouxe inovações para o jornal. A sua posição incomodou a tal ponto que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) censurou A IMPRENSA. Isto ocorreu na ditadura Getulista, no Estado Novo, período em que a população do país passava por grandes restrições.

O jornal reabriu por volta do ano de 1946, com a redemocratização do país. No entanto, por questões financeiras, mas também pressões políticas internas e externas, o jornal fechou definitivamente na década de 1960. O último número publicado foi na última semana de dezembro de 1967. Dos jornais que foram fundados no mesmo período de A IMPRENSA, o único que não fechou foi A União, que representa a imprensa oficial no Estado. (ARAÚJO, 1983)

No período pesquisado, o jornal possuía oito páginas, alternadas entre textos informativos, poesias, folhetins e propagandas. A primeira página sempre apresentava a notícia que os editores consideravam como a mais relevante, a seguinte era destinada à publicidade de produtos e serviços diversos. Posteriormente, logo no início da terceira página, encontramos o Folhetim, uma prática comum nos jornais da época, para publicação de trechos de alguma obra literária para que os seus leitores pudessem acompanhá-la juntamente com as

demais leituras do jornal. Havia também uma página reservada como coluna social, que apresentava informações como nascimentos, aniversários, formaturas, casamentos e funerais de pessoas consideradas, de algum modo, influentes na cidade de João Pessoa, que na década de 1920 ainda se chamava Parahyba do Norte.



Figura 1. Jornal A Imprensa, 7 de Abril de 1926, página 1.
Fonte: Arquivo Eclesiástico da Paraíba

Não tivemos dificuldades em localizar o jornal A Imprensa, encontramos exemplares de todos os anos propostos, exceto 1929, quase todos no Arquivo da Cúria Metropolitana. Isso já era previsto, uma vez que se trata de um jornal explicitamente influenciado pela doutrina católica e também dirigido pelo clero paraibano.

2.2 Vestígios femininos

Os textos identificados e selecionados foram divididos por assunto, para que fossem catalogados de modo que ficassem claros os temas abordados e a quantidade de escritos por tema. Posteriormente isto nos possibilitaria analisar para compreender os temas mais ou menos abordados, a partir daí a relevância dada a estes, isso tudo sem esquecer os interesses e objetivos expostos pelo jornal.

No quadro a seguir iremos apresentar os textos publicados por mulheres no

jornal a imprensa, divididos por assunto, destacamos o número de publicações e os anos em que foram publicados.

Quadro 1: Tipos de textos publicados por mulheres no jornal A Imprensa no período de 1920 a 1939 (nº total: 52)

| ASSUNTO | Nº DE PUBLICAÇÕES: | ANOS DE MAIOR INCIDÊNCIA |
|-------------------------------|--------------------|-----------------------------|
| POEMAS (RELAÇÕES DE AFETO) | 30 | De 1922 a 1926, 1932 e 1933 |
| EDUCAÇÃO DO LAR | 5 | 1923, 1933 e 1938 |
| EDUCAÇÃO ESCOLAR | 1 | 1935 |
| DIREITOS DA MULHER | 4 | 1932 e 1933 |
| RELIGIÃO | 7 | 1921, 1922 e 1933 |
| OUTROS TEMAS | 5 | 1932 e 1933 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quanto ao conteúdo dos textos, conforme expõe o quadro 1, podem ser classificados em: poemas - textos que tratam de relações de afeto; sobre educação do lar; sobre educação escolar; direitos da mulher; religião e outros temas, neste último as mulheres apresentam suas concepções sobre assuntos variados como sociedade, família ou até mesmo sobre o feminismo. Os poemas são mais numerosos, fato compreensível, visto que a literatura, assim como o jornalismo foram importantes áreas públicas de comunicação conquistadas pela escrita feminina. Perrot destaca essa saída gradativa das mulheres da escrita privada para a palavra pública:

A literatura, esta epopeia do coração e da família, é, felizmente, infinitamente mais rica. Ela nos fala do cotidiano e dos “estados de mulher”, inclusive pelas mulheres que nela se intrometeram. [...] Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos da comunicação – o jornalismo por exemplo – e da criação: poesia, romance sobretudo, história às vezes, ciência e filosofia mais dificilmente. Debates e combates balizam estas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar. (PERROT, 2005, p.13).

Os textos que tratam da educação do lar e da religiosidade estão

diretamente relacionados, pois ambos têm a função de transmitir e popularizar ainda mais a ideologia católica a partir, por exemplo, das instruções de comportamento para moças, o aconselhamento a uma vida casta e em busca da santidade.

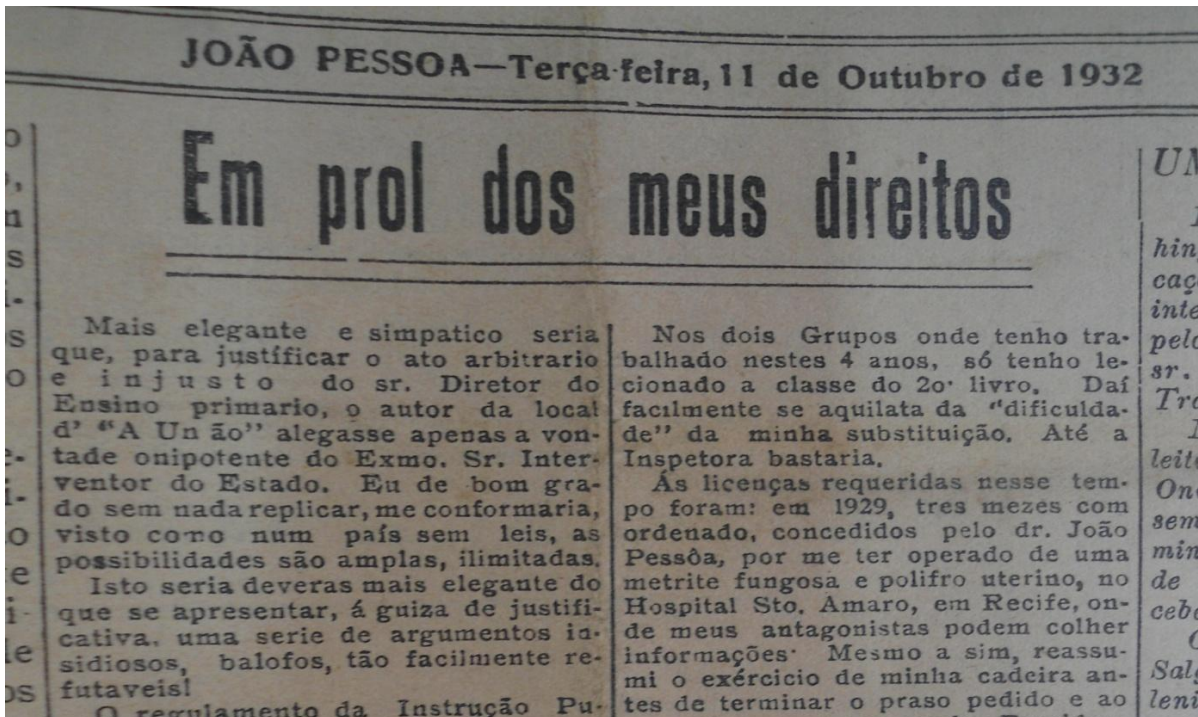


Figura 2. Texto escrito por Eudesia Vieira no jornal A Imprensa, 11 de outubro de 1932, página 3
Fonte: Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP)

Percebemos que alguns nomes se repetiam por várias vezes na autoria das publicações, isto se confirma em nossos dados, pois 25 mulheres publicaram 52 textos. Iremos citar aqui apenas alguns nomes, mas isto sem o intuito de julgar algumas mais relevantes que outras.

Eudésia Vieira⁴ no período recortado publicou um total de sete textos, destes, quatro foram poemas; um artigo referente a direitos femininos; e dois relacionados a assuntos bem pessoais, em que a mesma cobra explicações das

⁴ Existem algumas publicações paraibanas referentes a vida de Eudesia Vieira ou que inserem a sua história em suas narrativas, como: SALES, Ana Maria Coutinho de; SILVA, Evanice dos Santos. **Eudésia Vieira: rompendo silêncios.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. ; SILVA, Joseilto Ribeiro da. **A escrita que dá espaço: Eudésia Vieira e a imprensa em 1920.** 2013. ; BERNARDO, Ana Maria Coutinho. **GÊNERO, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NA PARAÍBA: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS E ESCRITORAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX.** 2013.

autoridades educacionais da época que a exoneraram do seu cargo de professora, o que para ela ocorreu sem qualquer explicação plausível, tal publicação também demonstra uma função do jornal bastante utilizada por personagens influentes, a de instrumento de retaliações públicas. A imagem do texto está exposta na fig. 2. Professora e médica, Eudésia Vieira exercia as duas profissões, foi uma das primeiras mulheres a abrir consultório médico na capital.

Quadro 2: Relação de textos publicados no jornal A Imprensa e suas respectivas autoras (décadas de 1920 e 1930).

| TÍTULO DO TEXTO | AUTORA |
|--|------------------------|
| A consciencia | Silvia |
| A emancipação da mulher | Aurea |
| A felicidade | Lindalva B. de Andrade |
| A mulher e o progresso | Eudesia Vieira |
| A mulher no século XX | Tercia Bonavides |
| A professora Eudésia reclama direitos | Eudesia Vieira |
| Ação social católica | M.A.E. |
| Almas paralelas | Palmyra Wanderley |
| As duas irmãs | Célida Adamantina |
| Aviador | Palmyra Wanderley |
| Bem dita | Auta de Souza |
| Conceitos da educação | Laura Jacobina Lacombe |
| | |

| | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| Consolatrix Afflictorum | Palmyra Wanderley |
| Coração de Jesus | Anilia Freire |
| Coração de pedra | Julita Ribeiro |
| Coração de pedra(II) | Palmyra Wanderley |
| Crepusculo | Auta de Souza |
| Desgraça | Virginia Vitorino |
| Deus e patria | Daura Santiago Rangel |
| Educação doméstica | M.P.B. |
| Em prol dos meus direitos | Eudesia Vieira |
| Eterna Dôr | Auta de Souza |
| Feminismo e feministas | Dra Carmem Mesquita |
| Hinno Patriotico a immaculada | Amelia Rodrigues |
| Ignoto Deo | Maria de Carvalho |
| Immaculada Conceição | Maria Luiza de Souza Alves |
| Innocencia | Palmyra Wanderley |
| Irradiação do Noel | Carmita Coêlho |
| Lamentos de um canário Belga | Palmyra Wanderley |
| Lembrando minha mãe | Alzira Machado |
| | |

| | |
|--------------------------------|--------------------|
| Letras de artista | Auta de Souza |
| Lirio vermelho | Palmyra Wanderley |
| Mangueira | Palmyra Wanderley |
| Manhã no campo | Auta de Souza |
| María! | Elita Souto |
| Maria em Lourdes | Amelia Rodrigues |
| No tumulto | Celina Peixoto |
| Noites amadas | Auta de Souza |
| O Brasil e o seu grande futuro | Estela |
| O divórcio | Daura S. Rangel |
| Ouvindo um canário | Palmyra Wanderley |
| Papel social da mulher | Argentina P. Gomes |
| Pitangueira | Palmyra Wanderley |
| Prece | Myriam |
| Quadros da vida | Eudesia Vieira |
| Realidade | Eudesia Vieira |
| Regina Martyrum | Auta de Souza |
| Regina Martyrum (republicação) | Auta de Souza |
| | |

| | |
|------------------------|------------------------|
| Talvez | Adelle de Oliveira |
| Terra de santa cruz | Rosalina Coelho Lisboa |
| Uma página da natureza | Eudesia Vieira |
| Versos simples | Palmyra Wanderley |

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Podemos citar também outros dois nomes que aparecem na autoria dos textos, mas que não tiveram tantas publicações no jornal: Daura Santiago Rangel e Argentina Pereira Gomes⁵. A primeira teve duas publicações, uma que se tratava da doutrina religiosa e foi intitulado de “Deus e Pátria”, e outra “O divórcio”, onde expressava sua opinião sobre o mesmo. Quanto a Argentina, teve apenas uma publicação intitulada de “Papel Social da Mulher”. Ambas foram homenageadas e tem seus nomes em escolas públicas da capital e trabalhos escritos sobre.

Nas figuras 3 e 4 a seguir vemos respectivamente os textos publicados por Daura Santiago e Argentina Pereira, ambos falam sobre o catolicismo como um importante agente para o desenvolvimento social, seja simplesmente pela sua doutrina como demonstra Daura, ou seja influenciando a mulher como nos fala Argentina. Para a segunda é devido aos ensinamentos e a abertura da igreja católica que a mulher tem conquistado novos espaços, afirmação que se não fosse dita no momento histórico apresentado nos causaria no mínimo um grande estranhamento, sabendo que a igreja católica foi durante séculos um agente de perpetuação das relações desiguais entre os gêneros na sociedade, colocando o homem no lugar principal nessas relações.

⁵ Também existem trabalhos Paraibanos publicados sobre a educadora Argentina Pereira Gomes e que a inserem em suas discussões, alguns deles são: MENDES, Márcia Cristiane Ferreira et al. **Memórias e Práticas Educacionais da Educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916 1962)**. 2012. ; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; SILVA, Viviane Freitas da. **TECENDO FIOS DE MEMÓRIA: ARGENTINA PEREIRA GOMES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CENÁRIO EDUCACIONAL PARAIBANO**. UFPB, 2009. ; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira et al. **EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX: PRÁTICAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES**. UFPB.

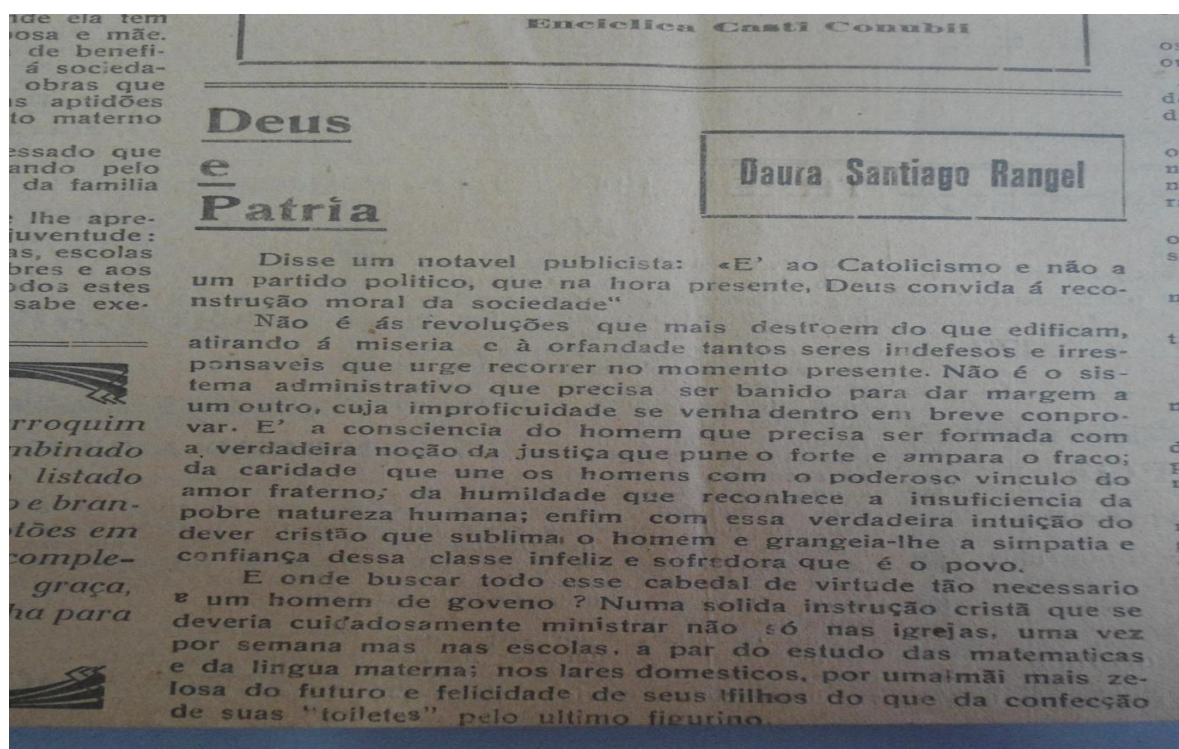


Figura 3. Texto escrito por Daura Santiago Rangel no jornal A Imprensa, 15 de agosto de 1933, página 3
Fonte: Fundação Casa de José Américo

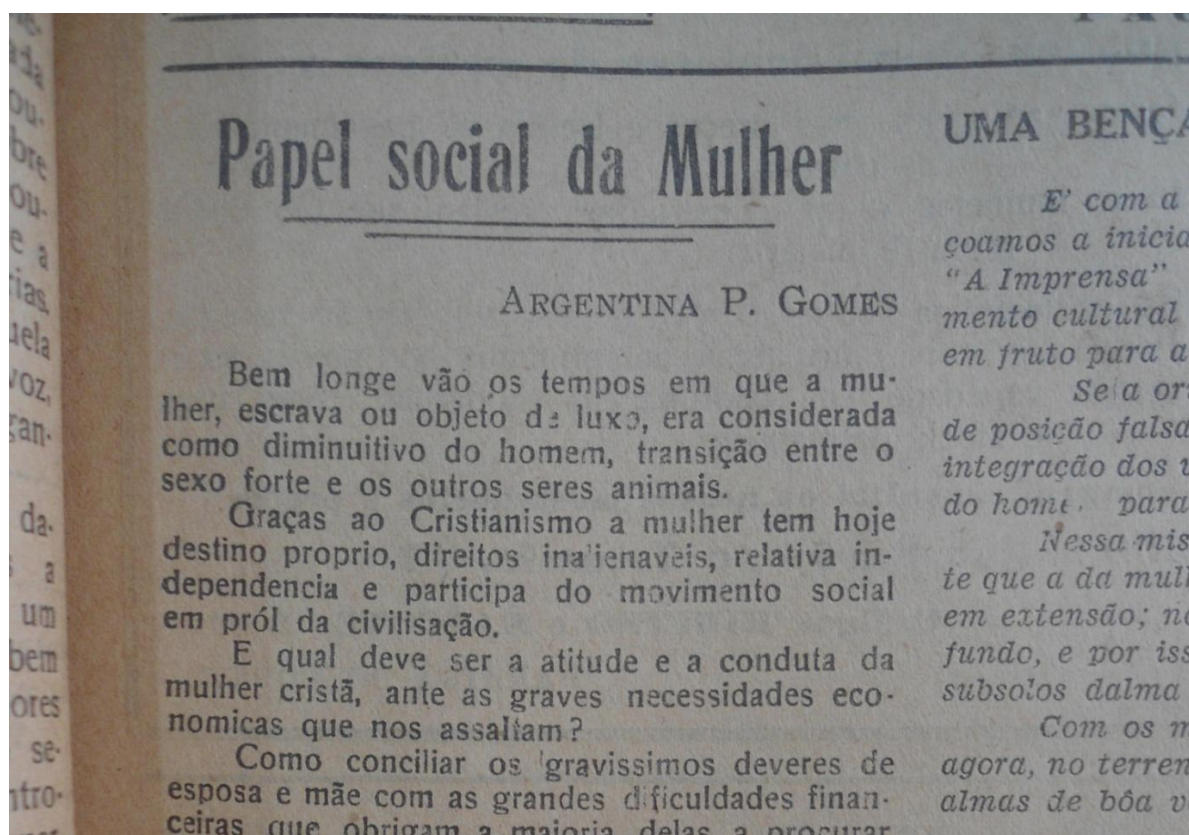


Figura 4. Texto escrito por Argentina Pereira Gomes no jornal A Imprensa, 15 de agosto de 1933, página 3
Fonte: Cúria Metropolitana

Nem todos os textos que foram apresentados no quadro 2 são de mulheres paraibanas, Palmyra Wanderley e Auta de Souza são exemplos, duas potiguares que tiveram o maior número de publicações no jornal. Mesmo esta pesquisa referindo-se especificamente a textos publicados por mulheres paraibanas, o fato de duas mulheres que não são deste estado terem mais publicações do que as que aqui nasceram ou vivem, nos chamou bastante atenção para uma possível hipótese com relação ao motivo para se importar escritas femininas no estado: será que poderia haver uma pouca quantidade de mulheres escritoras no estado, ao ponto de fazer com que os editores importem esses textos? Este questionamento não podemos responder, mas fica a dúvida, já que a página Cultura Feminina do jornal foi extinta, também sem qualquer explicação ou justificativa. Algumas mulheres que tiveram publicações no jornal A Imprensa também já foram objeto de estudo em pesquisas realizadas pelo HISTED-BR, exemplos destas são Julita Ribeiro, Daura Santiago Rangel, Tércia Bonavides, entre outras. Vale salientar, também que não pudemos identificar algumas mulheres pois vários textos foram assinados apenas com o primeiro nome, ou até mesmo com iniciais como aconteceu na página “cultura feminina”.

2.3 Página “Cultura Feminina”

Verificamos que no dia 15 de agosto de 1933, o jornal acrescentou ao seu corpo textual a página quinzenal Cultura Feminina, sob a responsabilidade da Associação de Moças Católicas, um grupo de moças vinculado à Arquidiocese da Paraíba, que discutiam assuntos relacionados à igreja e sua participação nesta. Nessa página encontramos textos de variados assuntos, desde poemas amorosos até artigos de opinião nos quais se reivindicavam direitos femininos. Os textos publicados na página não eram somente de autoria das moças que faziam parte da associação, mas também outras, que enviavam seus textos por correspondência, para endereço informado na própria página, no canto superior. Muitos textos eram assinados somente com iniciais, ou sem sobrenomes, supomos que

algumas moças não queriam ser reconhecidas, talvez por temer possíveis julgamentos. A última publicação da página foi no dia 5 de novembro de 1933, no entanto não temos informações precisas do seu tempo de duração; o jornal não informou os motivos pelos quais isto aconteceu.

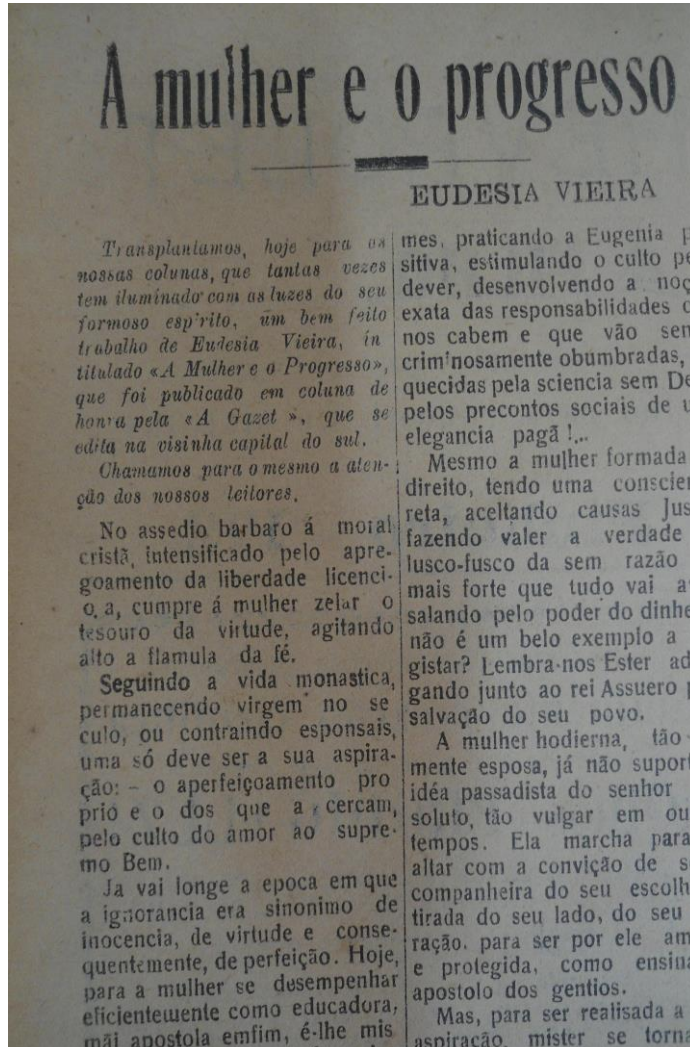


Figura 5. Texto escrito por Eudésia Vieira na página “Cultura Feminina”, 30 de Setembro de 1932, página 4.

A figura 5 acima mostra um dos textos publicados na página “Cultura feminina”, onde Eudésia Vieira fala sobre a importância da mulher para o progresso de uma sociedade. Neste texto, em grande parte ela não se demonstra feminista, mas sim com um olhar do padrão patriarcal sobre o papel da mulher, no entanto redige uma frase diferenciada deste pensamento, isso reflete o que parecia ser comum às mulheres neste período, em alguns aspectos progressista e em outros reacionária. O trecho

a seguir nos mostra exatamente isto:

[...]De outro lado a vida se vai tornando mais difícil e a mulher precisa trabalhar fora da família, auxiliando o pai, o esposo.O recinto do lar, muitas vezes estreito, implica uma zona mais ampla de ação. E os filhos, se não desfrutam a cada instante as caricias inestimáveis da genitora, aliás não absolutamente necessárias como elemento de educação têm mais conforto na mesa, mais asseio no vestuário, mais higiene no quarto de dormir.Encontramos a mulher em vida comum com o sexo forte, nas lojas, nos escritórios, nas oficinas, nas academias. Isto significa a sua emancipação de um domínio egoístico e prepotente, por tantos séculos mantido[...]. (A Imprensa, p. 4, Setembro. 1932)

Podemos dizer que o jornal A Imprensa com a página “Cultura Feminina” acompanhou alguns outros jornais que criaram páginas voltadas para mulheres, como por exemplo o jornal oficial da Paraíba A União que criou no mesmo período a “Página Feminina”. Isto foi bastante apropriado devido o momento histórico em que a sociedade se encontrava, já que a participação feminina na sociedade estava sendo pauta de discussões por todo o país, a fundação de associações femininas e a conquista do direito ao voto por decreto contribuíram sobremaneira para tais discussões.

2.4 O Noelismo

Um dos textos que foi citado no quadro 2, intitulado de Irradiação do Noel⁶, escrito por Carmita Coêlho, merece o nosso destaque, pois nele contém informações sobre um movimento para mulheres pertencente à igreja católica, o Noelismo.

⁶ Este texto estará exposto na íntegra, ao final deste trabalho, como anexo.

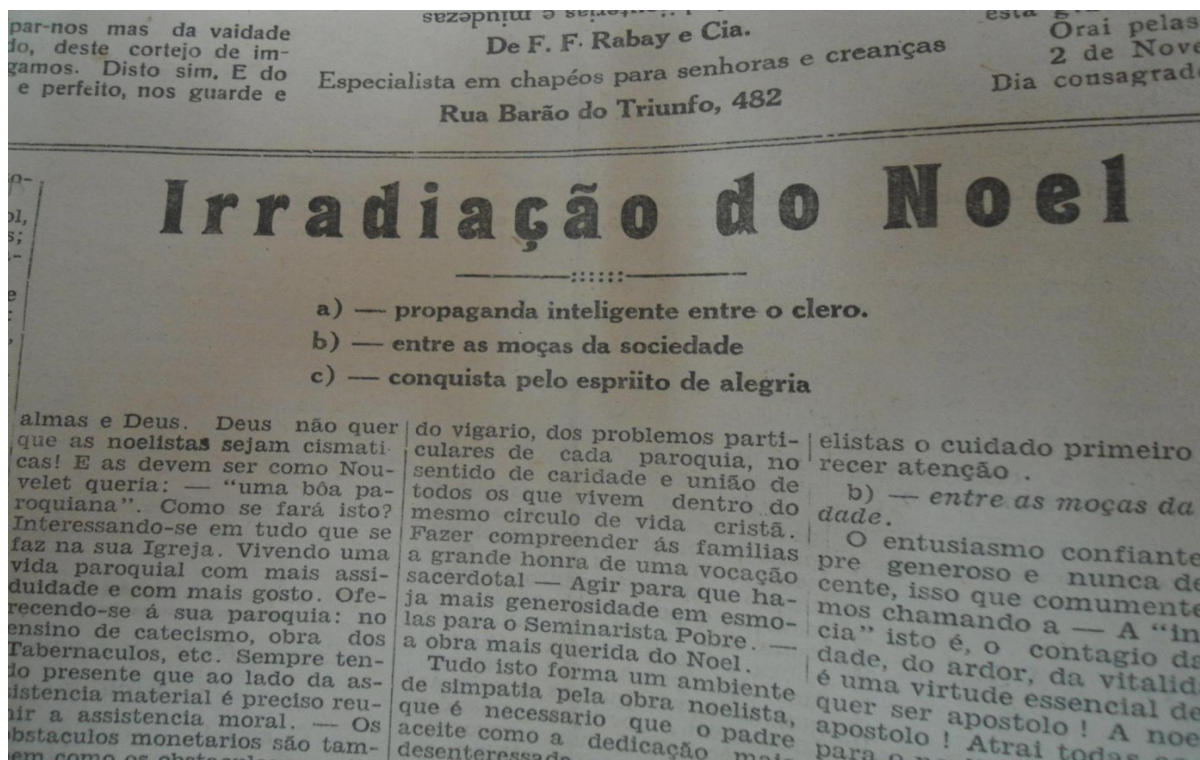


Figura 6. Texto escrito por Carmita Coêlho⁷ publicado no jornal A Imprensa, 5 de novembro de 1933, página 3

Fonte: Cúria Metropolitana

Para se distinguir das demais moças, as noelistas deveriam usar o símbolo que representava o movimento de forma que se tornasse visível, de preferência, em forma de broche preso a sua roupa. Essa orientação tinha como objetivo transmitir a ideia de que as noelistas representavam a presença do Menino Jesus e, junto com elas, levavam o mistério de alegria e de comunicabilidade cristã, ideal do movimento. [...]. (COSTA, 2015)⁸

Este movimento não se tratava de uma mobilização para reivindicação de direitos femininos, mas de uma tentativa de manter o

⁷ Carmita Coelho é na verdade Carmem Coelho, educadora atuante do Século XX. Há uma pesquisa para dissertação na ufpb feita sobre a trajetória da educadora: SANTOS, Niédja Ferreira dos. **Carmen Coelho de Miranda Freire (1912-2003): a biografia de uma educadora a partir de suas práticas escritas.** UFPB, 2012.

⁸ Costa se propõe neste trabalho a analisar o movimento feminista e a igreja católica, os discursos que eram produzidos referentes a esta temática na Paraíba, e como esta religião influenciou para uma identidade feminina.

tradicionalismo e o servilismo à religião cristã e à igreja católica, como podemos ver neste trecho:

O intuito do noelismo é fazer que as noelistas sejam na sua paróquia as melhores cristãs, as mais edificantes. A paróquia é, o primeiro degrau da sociedade verdadeiramente hierarquizada de nosso catolicismo romano. No espírito da igreja a paróquia é uma grande família bem unida e bem viva de uma vida própria. [...] O noelismo quer também um sistema didático dentro da pedagogia do catolicismo. Educar, como o nome significa, é conduzir para cima. O noelismo não tem outra ambição do que conduzir para Deus a juventude feminina e com ela tudo que fica sob o domínio de sua influencia de natureza cada vez mais dilatada. [...]. (A Imprensa, Nov. 1933, p. 3.)

O Noelismo era um movimento de âmbito mundial, teve grande repercussão e adesão das moças católicas brasileiras e paraibanas, tinha reuniões das moças que participavam, e possuía também uma revista própria a “Le Noel”, que como as próprias noelistas diziam pretendia estabelecer uma “cultura noelista”. A revista trazia informações sobre assuntos variados como ciência, literatura, arte e etc. (A Imprensa, 1933)

O movimento “Le Noel” surgiu na França no final do século XIX, através dos padres Paul Bailly e Claude Allez, inserido no contexto de reorganização da igreja, que tinha como um de seus objetivos o fortalecimento da cultura cristã. O Noel foi trazido para o Brasil em 1914, tendo como núcleo central o estado de Pernambuco e vice núcleo o estado do Rio de Janeiro, se instalou na Paraíba apenas em 1931. (GOMES, 2015)

Este movimento teve grande adesão das moças católicas da Paraíba, alguns dos seus objetivos eram a assistencialidade, a catequese, a caridade e a formação da fé individual e coletiva. Para as noelistas, não se tratavam apenas de práticas deste movimento, mas de um estilo de vida, uma maneira singular da prática da fé. (GOMES, 2015).

CAPÍTULO 3 – LIBERDADE ? : a tímida contribuição feminina para o jornal Liberdade

3.1 Conhecendo o Liberdade

O jornal Liberdade teve seu primeiro número publicado em 15 de janeiro de 1931, sob a direção de Adherbal Pyragibe, tendo como redator chefe, Alves de Mello, e redator gerente, Anchises Gomes. Era um jornal que se descrevia, como seu próprio nome diz, o jornal da liberdade de expressão, “o jornal do povo e para o povo”, era seu lema. No entanto o que se via era uma postura não muito diferente dos demais, quando o comparamos com outros jornais em circulação à época, tanto no que diz respeito a sua organização quanto ao conteúdo das publicações.



Figura 7. Jornal Liberdade, 15 de janeiro de 1931 , página 1

Fonte: Fundação Casa de José Américo

Em sua primeira publicação o Liberdade deixa claro quais são as suas pretensões em um texto de apresentação intitulado: “O que vamos fazer”, como

podemos ver na figura 7 acima. Iniciando o seu corpo textual com uma fotografia do ex-presidente assassinado, João Pessoa, enaltecendo sua “grandiosa” figura e o seu papel no cenário político local e nacional. Nas palavras do *Liberdade*:

O nosso programa está synthetizado na eloquencia do próprio titulo.

Por isso mesmo, quase nada teremos a adiantar aos nossos leitores, quanto às diretrizes jornalísticas do <<Liberdade>>.

Os animadores deste vespertino são muito conhecidos do heróico povo pessoense: são os mesmos batalhadores d’<<O Liberal>>, são os mesmos discípulos do Immortal João Pessôa, cujos sabios ensinamentos de civismo nortearão os nossos destinos.

<<Liberdade nasce, assim, da nossa veneração à memoria infinita do Bravo dos bravos, d’Aquele que, no seu remigio condoreiro às alturas andinas da Gloria, fez da Parahyba a arca sagrada das reivindicações nacionaes, o Sinai onde há de transluzir para sempre a sarça ardente dos idéaes democráticos e dos mais puros sentimentos republicanos. [...]. (Liberdade, p. 1, jan. 1931)

O jornal era organizado da seguinte forma: possuía quatro páginas, a primeira destinada a notícias consideradas relevantes, eram as manchetes; a segunda e terceira páginas eram destinadas às propagandas; a quarta a textos aleatórios, artigos de opinião, notícias, datas comemorativas ou funerais de pessoas influentes da sociedade. Esse era o formato inicial do jornal, no entanto, no decorrer de alguns meses passou a possuir seis páginas que eram alternadas entre notícias e artigos, entre outros, e propagandas. Uma característica peculiar do *Liberdade* era que sempre em sua primeira página, na parte superior, eram redigidas citações ou frases de efeito relacionadas ao nome do jornal. No primeiro número, por exemplo, foi publicada uma citação de Ruy Barbosa que dizia: “*Ou esse povo é escravo, que se liberta, removendo o oppressor, sem feril-o, ou um degenerado, que na enormidade de sua ingratiidãõ trae a natureza das influencias educativas que lhe formaram o character.*” (Liberdade, p. 1, jan. 1931)

3.2 Os poucos vestígios femininos

Quanto à produção escrita de mulheres, no período de 1931 a 1939, encontramos apenas nove textos publicados, dentre eles cinco eram entrevistas, três poesias e um artigo de opinião. Vejamos no quadro a seguir.

Quadro 3: Textos publicados por mulheres no jornal Liberdade de 1931 a 1939

| Título e data de publicação | Tipo de texto | Autora/entrevistada |
|--|----------------------|----------------------------|
| Enquete: Os direitos Políticos da mulher. (01/03/1931) | Entrevista | Alice de Azevedo Monteiro |
| Enquete: Os direitos Políticos da mulher. (08/04/1931) | Entrevista | Albertina Correia Lima |
| Enquete: Os direitos Políticos da mulher. (02/05/1931) | Entrevista | A.C.L. |
| Monstros! “Liberdade” ouve a mulher Terêza Marques da Silva no Hospital Santa Isabel. (21/09/1933) | Entrevista | Terêza Marques |
| O protesto de uma paraibana contra as infâmias de certa gazeta. (13/11/1933) | Carta | Desconhecida |
| Uma brilhante inteligência feminina. (27/08/1934) | Entrevista | Marina Lins e Silva |
| | | |

| | | |
|---|--------|--------------------------|
| Últimos Lampejos. (15/10/1936) | Poesia | Maura de Oliveira Brasil |
| Paraíba. (16/11/1936) | Poesia | Belmira Parnaíba |
| As rosas que eram tuas. (26/11/1936) | Poesia | Palmyra Wanderlei |

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Das cinco entrevistas, três são respostas a uma enquete feita pelo jornal intitulada: “Os direitos políticos da mulher”. Ainda sobre as entrevistas encontradas, localizamos um depoimento de uma mulher que delata um acontecimento em que a mesma acredita ter escapado de uma violência. Segundo a entrevistada, ela foi convidada para um passeio com duas amigas e alguns *chaufeurs*, mas, percebeu que havia outros veículos acompanhando-os e que estavam indo para um lugar distante, a mulher estava com muito medo e decidiu pular do carro, mesmo em movimento. Ao pular, feriu-se, caída no chão, foi novamente colocada no veículo, e mais uma vez ela saltou, desta vez o condutor do automóvel decidiu voltar e levar a mulher para ser socorrida. Ela contou também que os outros condutores não queriam socorrê-la, pretendiam deixá-la no local.

A mulher se chamava Terêza Marques, ao final da descrição da entrevista o jornal indicou o nome de todos os *chaufeurs* envolvidos. Após a publicação do fato alguns deles se sentiram ofendidos pelo fato do acontecimento ter sido ligado diretamente à sua categoria, o jornal publicou, alguns dias depois, uma nota de esclarecimento onde afirma que não foi sua intenção ofender a categoria dos *chaufeurs*. Podemos ver as duas publicações abaixo nas figuras 8 e 9.



Figura 8. Jornal Liberdade, 21 de setembro de 1933, página 4
Fonte: Fundação Casa de José Américo

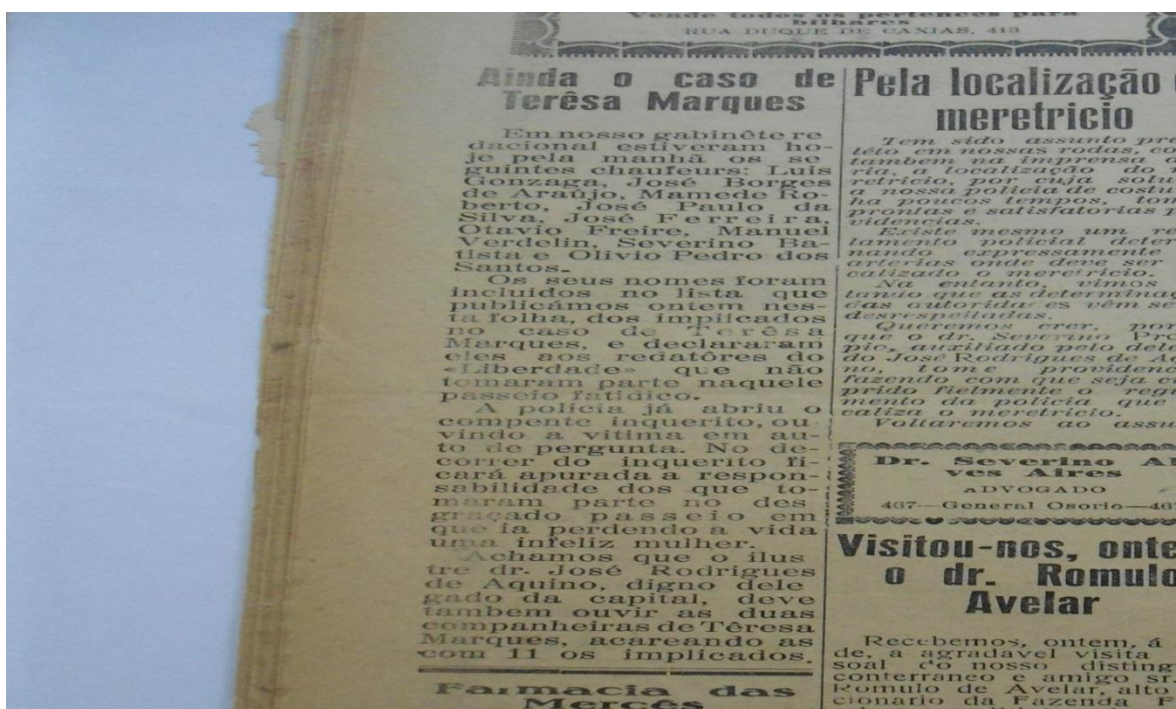


Figura 9. Jornal Liberdade, 22 de setembro de 1933, página 2
Fonte: Fundação Casa de José Américo

Vimos que dentre os textos publicados por mulheres havia uma carta, trata-se de uma correspondência, em que uma leitora do jornal escreve para a

redação falando sobre um outro jornal de circulação na Paraíba, o Correio da Manhã. Ela critica o Correio da Manhã por motivos políticos, afirmando que os seus gestores eram inimigos de João Pessoa, presidente assassinado da Paraíba, e o Ministro José Américo. A autora diz ainda que os gestores do jornal Correio da Manhã apelidavam João Pessoa e José Américo de “João Porteira” e “Zé Ramona”, respectivamente. Acreditamos que pelo jornal Liberdade apresentar-se explicitamente como admirador de João Pessoa, a autora do texto viu nele um meio viável para apresentar sua opinião. Apresentando-se como uma admiradora de João Pessoa, ela inicia sua fala afirmando que não é a favor de a mulher se manifestar em assuntos políticos:

Sou, por princípio, contrária às manifestações da mulher em assuntos políticos. Por isso mesmo sempre me mantive arredada de todas as campanhas que sacudiram violentamente a alma de minhas patrícias. [...] (Liberdade, p. 1, nov. 1933)

Após essa declaração, a autora do texto diz que, mesmo com essa concepção, sempre se manteve bem informada de todos os fatos ocorridos no estado. O texto foi publicado no dia 13 de novembro de 1933, a autora assina como “Uma admiradora de João Pessoa”, por este motivo desconhecemos sua identidade.



Figura 10. Jornal Liberdade, 13 de novembro de 1933, página 1
 Fonte: Fundação Casa de José Américo

Dentre as entrevistas encontradas uma se tratava de uma pernambucana, que estava residindo em um bairro da capital, João Pessoa. Marina Lins e Silva era uma escritora um tanto conhecida, conforme podemos deduzir por informações no jornal, que cita algumas de suas obras. Na entrevista, interrogada sobre o que acha das mulheres intelectuais da capital, dá um riso sarcástico, segundo informa o jornalista, que já um tanto irritado pergunta novamente, e ela responde:

---Tenho lido a pagina feminina d'«A União». Exercícios escolares... Nada de positivamente estético. Poesias de pobre inspiração... Para ser justa, devo excetuar um trabalho de critica assinado por Beatriz Ribeiro sobre uma poetisa chilena. Está bem traçado. Dizem que Beatriz é uma adolescente ainda. Promete... [...]. (Liberdade, p. 4, Ago. 1934)

A crítica não foi bem recebida pelo jornalista, ela falou negativamente da Página Feminina do jornal A União, imprensa oficial, uma conquista das mulheres paraibanas que compunham a Associação Paraibana pelo Progresso

Feminino⁹, fundada em 1933, seguindo os moldes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada em 1922, por Bertha Lutz e outras mulheres.



Figura 11. Jornal Liberdade, 27 de agosto de 1934, página 4
Fonte: Fundação Casa de José Américo

Além dos textos já citados, encontramos três poesias, uma intitulada “Paraíba”, de Belmira Parnaíba, “As rosas que eram tuas” de Palmyra Wanderlei, por fim “Ultimos Lampejos” de Maura de Oliveira Brasil. Não encontramos informações sobre Belmira Parnaíba e Maura de Oliveira Brasil. Palmyra Wnderley era uma conhecida escritora Potiguar, precursora do jornalismo no Rio Grande do Norte, suas poesias eram publicadas em vários jornais paraibanos como A União, A Imprensa, entre outros.

⁹ Há trabalhos publicados sobre a Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino, dentre eles destacamos uma pesquisa realizada na UFPB: FRAGOSO, Verônica de Souza. **Associação paraibana pelo progresso feminino: as contribuições educacionais para a mulher paraibana (1933 a 1939)**. UFPB, 2011.

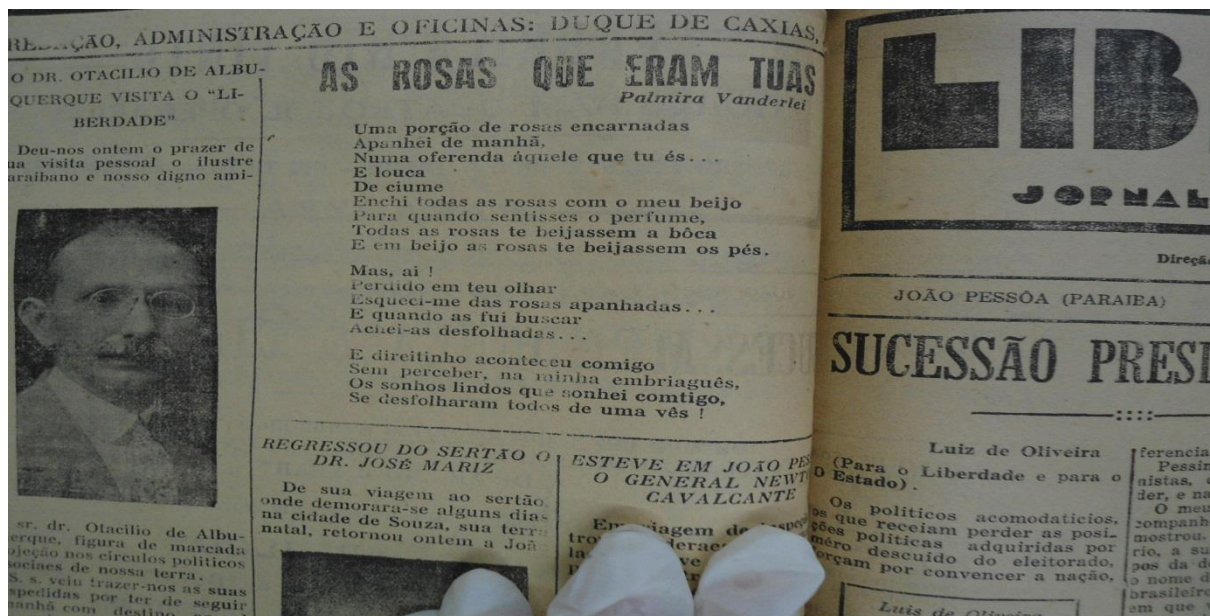


Figura 12. Jornal Liberdade, 26 de novembro de 1936, página 4
Fonte: Fundação Casa de José Américo

Este gênero textual, a poesia, era o mais constante escrito por mulheres na imprensa paraibana, encontramos 30 poesias de um total de 52 textos escritos por mulheres no jornal A Imprensa, ou seja, mais de 50%. Não consideramos menos importantes, pois este foi um dos primeiros espaços de escrita para mulheres na imprensa.

3.3 A discussão do sufrágio

O jornal Liberdade iniciou uma discussão sobre o sufrágio. Tratava-se de uma enquete¹⁰ que pretendia descobrir o que as mulheres da sociedade paraibana pensavam sobre o direito ao voto feminino, que já havia sido garantido em 1932, por um decreto, mas que só aconteceria em 1934. A entrevistada Alice de Azevedo se diz a favor do voto feminino:

O voto feminino é uma consequência lógica do progresso da humanidade.

Não é cousa de que se possa discutir a conveniencia ou inconveniencia. Deixou de ser assumpto para estudo: é fato inevitável, certo, mathematico. Agrade ou desagrade é um

¹⁰ Um desses textos referentes à enquete Os direitos políticos da mulher, será exposto ao final deste trabalho, na íntegra, em forma de anexo.

fructo maduro a ser colhido. A semente foi atirada á terra com as primeiras normalistas, medicas, bacharéis.[...]. (Liberdade, p.1, Mar. 1931)

A figura 12 abaixo, se refere à primeira entrevistada que foi Alice de Azevedo Monteiro, educadora na época.



Figura 13. Jornal Liberdade, 1 de março de 1931, página 1

Fonte: Fundação Casa de José Américo

A segunda entrevistada da enquete foi Albertina Correia Lima, que era professora e Bacharel em direito, publicou também outro texto no qual defende o direito ao voto, em 1933 no jornal A União, e vários outros em que fala da força feminina e o seu papel social. No entanto, o que nos chamou bastante atenção na enquete é uma declaração da mesma, afirmando que o direito ao voto feminino deve ser restrito a algumas mulheres:

O voto é a legitima expressão da consciência nacional. Para não perder sua alta significação e finalidade, deve ser restricto ás mulheres independentes intellectual e economicamente, isto é, áquellas que possam fazer uso livre e consciente desse direito. [...]. (Liberdade, p. 1, Abr. 1931)

O terceiro e último texto publicado foi assinado apenas com iniciais, no entanto suspeitamos que seja de autoria de Albertina Correia mais uma vez, pois as iniciais assinadas são A.C.L. e o texto foi publicado logo após o assinado por ela. No entanto não podemos afirmar com certeza quem respondeu à enquete. As justificativas apresentadas pela autora, para a defesa do voto feminino, são semelhantes às apresentadas por Albertina, fato que pode ser considerado comum, mas, como citamos acima, ela tem a opinião de que o voto não deve ser direito de todas as mulheres, neste outro texto não há tal afirmação, entretanto é citado novamente o fato de as mulheres que votam serem mais importantes que as demais:

A mulher inteligente, culta, independente, a mulher que trabalha, não pode deixar de sentir-se humilhada perante suas irmãs de outros países, em que os direitos políticos lhes são extensivos. Ella que se engrandeceu pela intelligencia e pelo trabalho, se elevará muito mais pela plenitude de seus direitos, porque, incontestavelmente, aquella que vota, vale mais que as outras. [...]. (Liberdade, p. 2, maio. 1931)

Referindo-se especificamente ao voto, a Constituição brasileira de 1891, determinava como eleitores, cidadãos brasileiros, alfabetizados e maiores de 21 anos, em nenhum momento a mulher foi citada de forma explícita, nem a autorização, nem a proibição, o que algumas entenderam como benefício. Maria Augusta Meira, formada pela Faculdade de Direito do Recife, e Isabel de Souza Matos, dentista gaúcha, são exemplos de mulheres que solicitaram alistamento eleitoral, no entanto lhes foi negado. (PRADO e FRANCO, 2012)

Somente no ano de 1932 foi determinado, por decreto, o direito ao voto feminino. Encontramos três textos escritos por mulheres que tratam deste assunto, todos datados do ano de 1933 às vésperas da conquista efetiva do voto, que só ocorreu em 1934. Era um assunto que estava em pauta no espaço público.

Encontramos um texto publicado por Albertina Correia Lima, que foi uma figura feminina com grande visibilidade no estado da Paraíba. Filha de Lindolfo Correia das Neves. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife em 1931. Deu início a sua carreira no jornalismo em 1912, publicando em alguns jornais do estado, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em abril de

1938, e foi oradora, no ano de 1933, da Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino. Teve uma vasta publicação, faleceu no dia 18 de março de 1975. (BARBOSA, 2009)

O que nos chamou bastante a atenção no texto de Albertina foi a sua visão elitista com relação ao voto, porque mesmo defendendo o sufrágio feminino, excluía uma parcela, já que defendia que apenas as mulheres intelectuais e independentes financeiramente pudessem exercer esse direito. Vemos isso como uma tentativa, por parte da autora, de tornar o voto um privilégio de poucas mulheres, já que não existiam muitas independentes ou consideradas intelectuais.

IV – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com base nos resultados e nas discussões que realizamos sobre os textos que foram escritos por mulheres nas décadas de 1920 e 1930, percebemos que houve uma grande abertura no que se refere à discussão sobre os direitos da mulher, mesmo que, elas mesmas não tivessem muitas publicações em um dos jornais pesquisados. Não havia muitas mulheres escritoras, nem identificamos redatoras ou diretoras de jornais, na Paraíba. Embora saibamos, por estudos publicados, que desde a segunda metade do século XIX, mulheres brasileiras pertencentes às classes mais abastadas da sociedade viessem criando jornais e publicando seus textos, muitas vezes com o aval ou sob a proteção de seus maridos. No caso da Paraíba, no recorte aqui definido, o que podemos perceber é que as mulheres que publicavam em jornais, em sua maioria eram intelectuais, detinham algum poder aquisitivo e, muitas vezes, tinham sobrenomes conhecidos por pertencerem a famílias tradicionais do estado, tendo seus nomes atrelados aos parentes homens, pai, marido, irmão. Dessa forma, reproduzia o que acontecia em nível nacional

O jornal Liberdade não era um dos considerados mais importantes na história da Paraíba, não encontramos referências que mencionem sua história ou falem sobre suas publicações. Todas as informações aqui mencionadas foram extraídas do próprio jornal, pois, tivemos acesso ao seu primeiro número. Criado no auge da discussão sobre direitos e liberdade, de um modo geral, sem distinção de gênero, o Liberdade teve um discurso a favor da liberdade de expressão, embora se demonstrasse situacionista, muitas vezes, nos posicionamentos políticos. Encontramos exemplares desde 1931, data de inauguração, até 1939, último ano de interesse da pesquisa. Sabemos que o Liberdade foi fechado, pois nos dias atuais não há circulação dele, entretanto não temos a informação sobre a data exata de seu fechamento, como se deu, em que ano ou os motivos que levaram a tal acontecimento.

Em 1933 o Liberdade realizou a enquete intitulada “Os direitos políticos da mulher”, quando ouviu algumas paraibanas em torno do tema, se inserindo em uma discussão acalorada e antiga. Encontramos apenas três textos

referentes a essa enquete, um assinado por Alice de Azevedo Monteiro, outro por Albertina Correia Lima, e mais um assinado com iniciais ACL, que suspeitamos serem de Albertina. O jornal prometeu várias publicações da enquete, com frequência mensal, no entanto, sem explicações, parou de realizá-la em maio, ou seja, publicou de Março a Maio de 1933.

Não se pode negar a crescente visibilidade das mulheres na imprensa e em outros espaços públicos, as décadas pesquisadas eram o momento propício, já que vários direitos foram conquistados. No jornal Liberdade, no entanto, não encontramos um volume de publicações considerado razoável, já que em outro, mesmo considerado tradicional, como A Imprensa, que tinha interesses predominantemente religiosos, encontramos mais que o triplo em textos escritos por mulheres. No entanto, não podemos realizar julgamentos de uma época onde escrever era um privilégio para poucas mulheres e poucos homens, também, reconhecendo-se que a escolarização ainda era de oferta limitada, e considerando também que ainda hoje há novos espaços a serem conquistados pelo público feminino.

O motivo da existência de poucas publicações de autoria feminina, mesmo em tempos de ascensão de direitos, como é o caso da década de 1930, pode ser interpretado de várias formas, desde o desinteresse por grande parte das mulheres até a opressão e a dependência vivida por elas, como disse Perrot:

Dependente juridicamente, ela perde seu sobrenome. Está submetida a regras de direito que têm por objetivo principal proteger a família[...].

Dependente sexualmente, está reduzida ao “dever conjugal” prescrito pelos confessores. E ao dever de maternidade, que completa sua feminilidade. [...]

Dependente em seu corpo, ele pode receber “corretivos”, como uma criança indócil, pelo chefe da casa, depositário da ordem doméstica. [...]. (PERROT, 2015, p. 47)

Percebemos que a educação religiosa, que está exposta de forma clara no jornal A Imprensa, ocupava um espaço importante na vida dos cidadãos. A religião, e mais especificamente a católica, julgava os modos e

procedimentos que seriam, para ela, os corretos a serem seguidos. O Noelismo expunha claramente os ideais desta igreja, que pregava a castidade e a benevolência, mas que também agia de forma preconceituosa com aqueles que não cumprissem com o seu dever de “bons cristãos”.

Vimos também que o jornal A Imprensa criou uma página feminina chamada “cultura feminina” no ano de 1933, seguindo a onda de trazer a escrita das mulheres para suas publicações, o que também aconteceu em outros jornais do estado, já que era um período de grande discussão sobre a participação da mulher na sociedade. Mas as publicações contidas naquela página apresentavam, muitas vezes, autorias repetidas, o que demonstra que apenas um pequeno grupo de mulheres, de classe social abastada, pela breve análise que fizemos, e com certa influência religiosa, tinha o espaço garantido. Mesmo esta página abrindo espaço para receber textos por correspondência, ainda nos questionamos se estes não poderiam ser forjados para atender aos interesses do jornal.

Seria uma atitude pretensiosa da nossa parte, se pretendêssemos identificar uma consciência coletiva a partir de apenas uma representação da época. No entanto, sem querer cometer anacronismos, após a análise que fizemos do material encontrado, podemos perceber com clareza certos aspectos da sociedade da época, como as tradições religiosas, as concepções de família, casamento ou amor, por exemplo, tão diferentes das atuais.

A partir da interpretação que fizemos com relação às representações expostas nos jornais sobre a sociedade, dizemos que estas representações que escolhemos analisar não se distanciam das demais que estão a sua volta. No período estudado, muitos avanços com relação aos direitos femininos foram empreendidos, como o direito ao voto, que foi determinado por decreto no ano de 1932. As mulheres ganharam voz, mesmo que em espaços limitados, esta foi a “Era das luzes” para muitas mulheres. No entanto não podemos esquecer que nunca iremos desvendar por completo o passado, pois tudo que sabemos até hoje são e sempre serão representações.

V – REFERÊNCIAS

- ACL. Enquete: Os direitos políticos da mulher. **Liberdade**. João Pessoa. p. 2. Mai. 1933.
- ANONIMA. O protesto de uma paraibana contra as infâmias de certa gazeta. **Liberdade**. João Pessoa. p. 1. Nov. 1933.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Pequeno dicionário dos escritores/jornalistas da Paraíba do século XIX**: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2 Ed. Algés Portugal, . Difusão Editora S.A., 2002.
- LIBERDADE**. Paraíba-Brasil. De 1931 a 1939.
- GOMES, Jorilene Barros da Silva. **A família cristã católica: o movimento noelista na Paraíba (1931-1945)**. Dissertação (Mestrado) – UFPB|CCHLA, João Pessoa, 2015.
- LIMA, Albertina Correia. Enquete: Os direitos políticos da mulher. **Liberdade**. João Pessoa. p.1. Abr. 1933.
- MACHADO, Charliton J. dos S.; NUNES, Maria Lúcia da S.; MENDES, Marcia C. F. **Catharina Moura e o feminismo na Parahyba do Norte**. Fortaleza: Edições UFC, 2013
- MONTEIRO, Alice de Azevedo. Enquete: Os direitos políticos da mulher. **Liberdade**. João pessoa. p.1. Mar. 1933.
- NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Quando as mulheres escrevem**: textos sobre educação na imprensa da Paraíba (década de 1930). Projeto PIBIC 2014/2015. Universidade Federal da Paraíba, 2013.
- NUNES, Maria Lúcia da Silva. A imprensa paraibana e os direitos da mulher: textos publicados no jornal A União na década de 1920.Scocuglia, Afonso Celso; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Pesquisa e historiografia da educação brasileira**. Campinas/SP: Autores Associados, 2006, p. 116-132 (Coleção Memória da Educação).
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru,SP: EDUSC,2005.
- ARAÚJO, Fátima. **História e ideologia da imprensa na Paraíba**: dados históricos e técnicos. Ed. Ilustrada. Paraíba: Secretaria de Educação e Cultura, 1983.
- CÔELHO, Carmita. Irradiação do Noel. **A Imprensa**. João Pessoa, p.3, Nov. 1933.

Jornal: **A Imprensa**, Paraíba- Brasil, de 1920 a 1939.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta—vida e obra**. 2 ed. Revista.Natal/RN: EDUFRN –Editora da UFRN, 2008.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX**. História (São Paulo) v.30, n.2, p. 196-213, 2011.

COSTA, Simone da Silva. **Feminismo e igreja católica: uma análise sobre a elaboração e práticas discursivas na Paraíba (1940-40)** – Recife: O autor, 2015. 216 f. : Il. ; 30 cm.

SALES, Ana Maria Coutinho de; SILVA, Evanice dos Santos. **Eudésia Vieira: rompendo silêncios**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

SILVA, Joseilto Ribeiro da. **A escrita que dá espaço: Eudésia Vieira e a imprensa em 1920**. 2013.

BERNARDO, Ana Maria Coutinho. **GÊNERO, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NA PARAÍBA: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS E ESCRITORAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX**. 2013.

MENDES, Márcia Cristiane Ferreira et al. **Memórias e Práticas Educacionais da Educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916 1962)**. 2012.

MENDES, Márcia Cristine Ferreira; SILVA, Viviane Freitas da. **TECENDO FIOS DE MEMÓRIA: ARGENTINA PEREIRA GOMES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CENÁRIO EDUCACIONAL PARAIBANO**. UFPB, 2009.

MENDES, Márcia Cristiane Ferreira et al. **EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX: PRÁTICAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES**. UFPB.

SANTOS, Niédja Ferreira dos. **Carmen Coelho de Miranda Freire (1912-2003): a biografia de uma educadora a partir de suas práticas escritas**. UFPB, 2012.

FRAGOSO, Verônica de Souza. **Associação paraibana pelo progresso feminino: as contribuições educacionais para a mulher paraibana (1933 a 1939)**. UFPB, 2011.

ANEXOS

1

ANEXO I: Texto

IRRADIAÇÃO DO NOEL

A) --- Propaganda inteligente entre o clero.

B) --- entre as moças da sociedade

C) --- conquista pelo espírito de alegria

O Noel a todos irradia, a todos se dá.

O seu apostolado é universal, não tem margem nem limites; estende-se a todas as necessidades.

Seu espírito é o comentário de uma frase do Pe. Lacordaire: “não quero somente me salvar, quero salvar o mundo!”

E’ uma família onde todos se unem e se auxiliam; os mais abastados concorrem mais e os menos favorecidos dão o pouco que possuem. Constitue uma família muito crecida que no mundo inteiro conta 80.000 membros.

A) --- propaganda inteligente entre o clero.

O intuito do noelismo é fazer que as noelistas sejam na sua paróquia as melhores cristãs, as mais edificantes. A paróquia é, o primeiro degrau da sociedade verdadeiramente hierarquizada de nosso catolicismo romano. No espírito da igreja a paróquia é uma grande família bem unida e bem viva de uma vida própria.

O seu chefe é o pastou, o pai das almas. E’ o intermediário providencial e oficial, entre as almas e Deus. Deus não quer que as noelistas sejam cismaticas! E as devem ser como Nouvelet queria: --- “uma boa paroquiana”. Como se fará isto? Interessando-se em tudo que se faz na sua Igreja. Vivendo uma vida paroquial com mais assiduidade e com mais gosto. Oferecendo-se á sua paróquia: no ensino de catecismo, obra dos Tabernaculos, etc. Sempre tendo presente que ao lado da assistência material é preciso reunir a

assistência moral. --- Os obstáculos monetários são também como ao obstáculos morais. E a uns e outros cumpre remover.

Trabalhar afim de desaparecer, afim de apagar as opiniões erroneas acerca das atividades noelistas o cuidado primeiro a merecer atenção.

b) --- entre as moças da sociedade.

O entusiasmo confiante sempre generoso e nunca desfalecente, isso que comumente estamos chamando a --- A "influencia" isto é, o contagio da caridade, do ardor, da vitalidade --- é uma virtude essencial de quem quer ser apostolo ! A noelista é apostolo ! Atrai todas as jovens para o noelismo. Aí encontra-se tudo que pode ser necessário para alcançar Deus. Por qualquer lado que estejamos deparamos com muitos caracteres completamente opostos entre si: uns bons outros fracos e outros maus.

E' um estudo um tanto curioso de psicologia. Vemos as ardorosas que se entusiasma por uma palavra, por um gesto, por um nada. São como certas matérias inflamabilissimas que, de repente pelo amor contacto se abraçam.

As indiferentes em lugar oposto, que ou porque nasceram num ambiente frio, passam pela vida sem prestar a sua atenção despreocupadas ao que se passa em derredor, ou porque nasceram num meio católico se contentam em cumprir mediocrementemente suas obrigações religiosas. --- As sabias, que tentam se afastar das ocasiões mais prosaicas, as vaidosas, as enraivecidas, as fúteis.

Toda uma longa serie de defeitos.

As prudentes, as modestas, as tímidas, as contemplavas e todas uma seria de virtudes...

Todos esses caracteres necessitam de estimulo.

Se nós moças que compreendemos bem o fraco de nosso sexo não nos auxiliar, propagando, o bem, o ideal do Noel --- o que será de nós ?

E' longo e triste o capitulo da degeneração humana. !

Dia a dia há mais corrupção. A sociedade necessita de uma reação cristã. A nós noelistas compete este importante papel.

--- Aproximar-se da mocidade como movimento da juventude impor a ela o peso suave das virtudes conquistadas: humildade, piedade e caridade. O espírito noelista é humilde, -é refractario ás exhibições, se contrapõe a simplicidade o obscuro, espírito de comunidade de nossas reuniões.

Todo ele é uma reação serena, silenciosa, mas enérgica. Sem medos, sem sustos, sem compromissos de transigências com a futilidade vaidosa e pedante.

A nossa obra não se destina as brilhantes conquistas --- mas o nosso aperfeiçoamento espiritual para atrair almas.

Há tantos meios de conquistas ! Para um interesse material quantos esforços empregamos ?

Pela leitura de nossa revista "Le Noel" tão rica em ideia grandes como não fornecéramos a estas moças ávidas de leituras fúteis --- uma útil leitura? "Natal" a nossa futura revista obrigatória, orgam das Noelistas brasileiras, tão variadas em assuntos que interessam a mocidade.

A ação pedagógica das nossas revistas merece efetivamente u'a meditação de uma parte "Le Noel" consegue em veradade criar isso que se podia chamar *cultura noelista*. No melhor sentido da palavra cultura. Por tudo sobre ângulo de visão do ideal noelista. Orientar as leituras, disciplinar a inteligência e a vontade, criar no universalismo de todos os aspectos culturais do espírito --- ciência, literatura e arte etc. --- sentido, um gosto, um estilo noelista, U'a maneira de pensar noelista.

Ora, como o noelismo é imbebido do alto senso do espiritualismo católico --- ele não sendo outra coisa do que uma face, uma forma, uma modalidade apenas da ação católica, --- toda essa influencia que exerce sobre as inteligências, educando-as nesse espírito, e sobre as vontades polarizando-as nas mesmas aspirações, se pode considerar como um grande esforço fecundo de educação católica.

As nossas festas ? ! Tão encantadoras! Revistas de tanta simplicidade !

Que boa oportunidade não seria para fazer conhecer as nossas patricias o nosso Noel? ! --- A boa camaradagem, o ambiente de alegria---tudo isto encanta a mocidade.

Conduzir as nossas amigas ás reuniões para verem de perto o espírito noelista, ---necessidade humana vamos dizer por honra da espécie que se tem de ser útil e de fazer o bem. A necessidade que se tem de refletir --- pelas perguntas mensais nos obriga a pensar ... é assim que se adquire conhecimento, é assim que se chega á santidade ... Os santos foram os privilegiados da graça, os heróis das virtudes, mas tudo isso foram, talvez, porque foram homens de uma ideia estudada, de forte meditação sobre um pensamento. Por este pequenino raciocínio se chegaria ao habito de meditação.

Aqui também será conveniente notar a natureza pedagógica do noelismo. E não há como admirar-se de tantos aspectos pedagógicos: Que é o catolicismo sinão a maior pedagogia, a grande escola, a educação, isto é a elevação, a ascenssão do homem para Jesus Cristo; para esse Jesus de quem S. Paulo dizia que era a sua única ciência...

O noelismo quer também um sistema didático dentro da pedagogia do catolicismo. Educar, como o nome significa, é conduzir para cima. O noelismo não tem outra ambição do que conduzir para Deus a juventude feminina e com ela tudo que fica sob o domínio de sua influencia de natureza cada vez mais dilatada. O Noel nesse trabalho de educação tem ânsias de atingir a todos de salvar a todos, ele vive transbordando a sua vida... Ele é comunicativo de si mesmo, como uma criança que não cabendo em si de tanta alegria porque possui uma noticia, uma boa nova agradável, quer logo ansiosamente --- oportuna e inoportunamente --- comunicá-la a todos para fazer a todos felizes...

C) --- conquista pelo espírito de alegria.

Na sociedade moderna julgam o homem cristão --- o surumbatico, grave terrorista. Julgam ser católico --- ser triste.

Confundem barulho, gargalhada com alegria e paz. Não compreende o que significa ser alegre.

Conhece somente a alegria, aparente manifestação espalhafatosas de festejos carnavalescos !

O cristianismo possui a verdadeira alegria --- doce alegria de uma reta consciência em paz. A alegria é a igualdade do humor jovial --- mesmo nas dificuldades sempre dissipadas por um sorriso. Sorriso de heroísmo que exige de nós um constante esforço de igualdade de humor.

O Noel nasceu da alegria --- Que maior alegria que o Natal? Nascimento de Jesus ! --- Como se alegram todos --- ricos e pobres. A noelista é alegre. E' alegre por tradição. E' alegre nas suas obras; em tudo que faz deixa o rasto de alegria.

Batido das decepções da vida moderna o mundo de hoje é um mundo triste. Um mundo apreensivo. Sente-se que ele próprio se julga na véspera de uma calamidade. Perder-se sobretudo com as desordens: introduzida na sociedade o equilíbrio espiritual. Não há espetáculo mais desolador do que está-se defronte de um mundano.

De alguém que está cheio de prazeres quando sua alma pede apenas um pouco de felicidade.

E nessa confusão, nesse engano, nessa troca do que não se vê pelo que se sente, pelo que brutalmente se sente, reside toda a tragedia dessas almas desorientadas. Seria preciso demonstrar que a alma humana encontraria a felicidade no plano invisível das coisas.

O que não se vê estando acima das visibilidades inferiores. A filosofia materialista se considera vitoriosa quando afirma que só os tolos deixam de gozar realmente pelos sentidos para se abstraírem numa incerta vida futura.

Esquecer-se, porém, de que se abandonamos, melhor, si subordinamos a matéria sensível a um mundo suprasensível nós o fazemos não porque estejamos delirantes e visionários em busca de cousas menos imaginadas incapazes de compreender a vida --- mas, muito ao contrario, porque

reconhecemos a inteligência, somos proclamadamente vencidas pela razão de baixo da qual se põe nossa vontade. O digno não é aceitar a vida da pura animalidade. O real não é apenas o animal. O digno reside em elevar a vida em sua dureza mais agressiva, em uma realidade mais dolorosa, em seus prazeres, em suas dores até as realidades que se não veem, até Deus que é o Princípio e a causa. Nós não negamos a necessidade da vida material.

Nós apenas negamos sua suficiência.

Ela não nos basta. Ela postula uma realidade mais alta, um mundo para as nossas atividades espirituais, em que possamos colocar a nossa consciência que a conhece e explica e que por sua vez é explicado por uma causa increada.

Essa insatisfação espiritual do mundo moderno faz dele um mundo triste.

Um mundo que todos os prazeres, todos os requintes do sensualismo deixam-no vazio. Ora um mundo assim não pode deixar de ambicionar uma alegria desconhecida. E não pode justamente porque o pecado não modifica o ser.

A natureza é permanentemente a mesma. E a natureza humana ansia pela felicidade. E esta mesma a sua lei, tão absoluta quanto a tendência dos graves para o centro da Terra.

O nosso apostolado para ser racional tem de respeitar as leis de nossa natureza.

Se nós a desconhecemos estaremos cometendo um erro de consequências imprevisíveis.

Quase sempre a ação infrutuosa do apostolado se explica pelo desconhecimento da natureza humana. De acordo com os princípios conhecidos acerca dessa natureza a resultados surpreendentes. A ordem da graça, a ordem da sobrenatureza não vem de encontro à ordem natural, vem completá-la.

Pois bem o mundo quer naturalmente, a alegria. Alegria da paz. Alegria para o espírito. Alegria em Deus.

E o mundo se voltará para nós, a principio espantado desse paradoxo --- alegria pela renuncia depois vencida por essa evidencia --- a renuncia pela alegria.

CARMITA COÊLHO

Informações:

Local: IHGP

Data: 5 de novembro de 1933, domingo

Posição: central inferior Pág.: 3 OBS: Página Quinzenal "CULTURA FEMININA"

Jornal: A Imprensa

Ano: XXIX Nº: 274

ANEXO II: Texto**Os direitos politicos da mulher**

O voto feminino é o assumpto momentoso que preoccupa o espirito de todos que se interessam pelos problemas sociaes e politicos.

A mulher olha essa conquista como a objectivação triumphante de seus méritos e de seu valor, como o trophéo glorioso de uma lucta de séculos.

Em alguns Estados, mais dominados pelo idéalismo e pelo espirito de iniciativa, ellas se unem e se congregam para melhor defensão de seus direitos.

Sua exclusão do suffragio político já offende o seu sentimento jurídico e a sua dignidade. E' uma offensa ao seu sentimento jurídico pela postergação de um direito conquistado. E' uma offensa á sua dignidade porque Ella fica relegada a um nível inferior ao homem que apenas souber lê e escrever.

A mulher intelligente, culta, independente, a mulher que trabalha, não pode deixar de sentir-se humilhada perante suas irmãs de outros paizes, em que os direitos politicos lhes são extensivos. Ella que se engrandeceu pela intelligencia e pelo trabalho, se elevará muito mais pela plenitude de seus direitos, porque, incontestavelmente, aquella que vota, vale mais que as outras.

Não é sómente nos paizes super-civilizados, nos paizes idealistas ou futuristas, como dizem os críticos, que a mulher exerce o direito de voto.

O menor paiz do mundo é a Republica de Tavolara numa ilhota de igual nome no mar Tyrreno. E' tão pequeno e insignificante que a maioria dos compêndios de geographia o omitem.

Basta dizer que sua superfície mede apenas um kilometro quadrado e a população é de cem habitantes.

Pois bem: a Constituição de Tavolara permite o suffragio feminino.

O Brasil grande, imenso, civilizado, progressista, não póde e nem deve ficar aquém de uma republiqueta sem significação geographica.

A.C.L.

Informações:

Autora: A. C. L.

Data: 02/05/1931

Página: 02; Localização: canto superior central/ 1º e 2º quadrantes

Jornal: Liberdade

Ano I, Nº 86